

## Por mais poesia e menos didatismo

*Por Michele Rolim<sup>1</sup>*

O grupo Sobrevento adapta *The Devoted Friend*, conto de Oscar Wilde (1854-1900), para dialogar com as crianças. Escrito há mais de 100 anos, o texto permanece atual pelas questões que levanta e por revelar, com sutileza e ironia, aspectos sobre o individualismo, a hipocrisia e o egoísmo.

*O Amigo Fiel* (que estreou em 2019) se apresentou no contexto do 36º Festivale. Trouxe ao palco quatro atores-manipuladores em cena (Agnaldo Souza, Daniel Viana, Giuliana Pellegrini e Liana Yuri), com direção e dramaturgia de Sandra Vargas.

O enredo conta a história da relação de João, um jardineiro humilde e generoso com o dono de um moinho que pede muitos favores a João, a quem considera seu amigo mais fiel. O dono do moinho gosta de falar sobre os princípios da amizade, utilizando argumentos que defendem as obrigações que um amigo, que se diz fiel, deve ter com o outro. João aprecia muito as palavras do amigo e faz de tudo para agradá-lo, sem nunca pedir-lhe nada em troca. Já o dono do moinho nunca oferece a João nada além de seus ensinamentos sobre o valor da verdadeira amizade.

Declaradamente, há o desenvolvimento de assuntos ligados ao individualismo, à hipocrisia e ao egoísmo no decorrer da história, mas também está

---

<sup>1</sup> Jornalista, pesquisadora e crítica teatral. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Trabalha na imprensa cultural desde 2009 e como Conselheira Estadual de Cultura do RS (2020-2022). É editora do site AGORA Crítica Teatral ([www.agoracriticateatral.com.br](http://www.agoracriticateatral.com.br)) e autora do livro “O que pensam os curadores de artes cênicas” (2017, editora Cobogó). É membro da FIBRA - Rede de Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e Jovens. Participou de diversos júris de Teatro. Vem atuando em festivais de artes cênicas no Brasil como crítica, debatedora e curadora.

implícito uma crítica da dominação de classes sociais. O melhor amigo de João é o dono do moinho, que vive confortavelmente em uma bela casa com sua esposa e filho, enquanto João nada tem além de seu jardim.

O espetáculo também tensiona uma ideia de teatro para crianças presente no imaginário coletivo: a de que ele é sempre colorido, com uma mensagem, por vezes, “moralizante”, com uma narrativa demasiadamente explicativa, e que ao final apresenta um final feliz para a história contada.

A encenação, proposta pelo Grupo Sobrevento, tem aspectos bucólicos. O teatro de sombras cria uma ambientação que por vezes gera encantamento e em outras gera um ambiente sombrio. Os personagens da história, pessoas e animais, são bonecos, feitos de galhos de madeira.

Também há uma narrativa e distanciamento épico. Os atores e as atrizes ora se apresentam como narradores, ora representam os personagens da história, tanto do dono do moinho, como de João. Inclusive também comentam sobre o seu próprio ponto de vista sobre determinados comportamentos dos personagens. Utilizando a apresentação dos acontecimentos e não a tentativa de reconstituí-los pela verossimilhança, como ocorre no teatro dramático.

O figurino, assinado por João Pimenta, também chama a atenção. Os atores e as atrizes estão vestidos de forma igual com uma roupa totalmente branca. Inclusive os homens vestem, assim como as mulheres, uma saia em cima da calça, tensionando esse lugar de gênero na própria vestimenta. O que causou estranhamento para uma das crianças presente no espetáculo, que questionou essa opção de figurino no debate após a peça.

O grupo não ignora o poder de imaginação e reflexão na infância. No final no conto de Oscar Wilde João morre ao ajudar o “amigo”. Na versão do Sobrevento, não fica explícito que João morreu. Na tela, aparece a sombra de João, que desaparece. Atores e atrizes aparecem com lanternas procurando pelo João e ao final aparece a figura do beija-flor, presente em toda a encenação no jardim que João cultivava, dando a entender, metaforicamente, que João virou um beija-flor.

O Sobrevento traz à tona as provocações de Wilde, considerando a capacidade emocional e intelectual do público, a partir de uma relação poética e não didática. Ainda que o teatro para a infância não tenha (ou não deveria ter) a finalidade de ensinar, encontramos espetáculos que tentam inculcar valores nas crianças.

O Sobrevento mostra que pode conviver no palco o estético com o ético, sem deixar de se comunicar com as crianças, pelo contrário, proporcionando uma comunicação mais intensa entre artistas e plateia.